

5. Da morte à vida

A fé não nos deve fazer acreditar apenas na Ressurreição como se fosse uma realidade isolada, mas na Ressurreição que, com o dom da presença do Senhor, renova a nossa vida e o mundo inteiro. Mas, como isso acontece? Como podemos fazer hoje experiência desta renovação operada pelo Princípio de todas as coisas, que é o Verbo de Deus encarnado, morto e ressuscitado por nós?

Jesus nos diz: “Eis que faço novas todas as coisas” (Ap 21,5). Como acontece isso? Como permitimos efetivamente a Cristo ressuscitado renovar tudo, renovar-nos totalmente, reconstruir as ruínas, rejuvenescer a nossa velhice, reunir tudo na integridade harmônica que perdemos?

Antes de tudo, devemos recordar-nos que tudo isso o Senhor não o faz como um herói que vem para conquistar o mundo, como um Superman que vem salvar-nos como poder e esplendor: o faz como um pai, um bom pastor, um amigo que tem compaixão de nós. De fato, no Apocalipse este anúncio de vitória do Ressuscitado é precedido de uma promessa de consolação: “Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens. Habitará com eles e serão o seu povo, e Deus mesmo estará com eles. Enxugará toda lágrima de seus olhos e já não haverá morte, nem luto, nem grito, nem dor, porque as primeiras coisas passaram” (Ap 21,3-4).

A vitória de Cristo sobre tudo o que faz morrer é a sua presença que enxuga as nossas lágrimas, vencendo todo motivo de tristeza: a morte, o luto, o lamento e a angústia.

“Enxugará toda lágrima de seus olhos”.

“Eis que faço novas todas as coisas”.

A novidade que Cristo trouxe ao mundo é, antes de tudo, a sua consolação, aquela que enxuga todas as lágrimas, aquela que conforta todo luto e dor. Só a consolação de Cristo renova o mundo! A verdadeira novidade e vitória do Ressuscitado é a consolação da sua presença.

De fato, a primeira grande testemunha da ressurreição de Cristo, Santa Maria Madalena, reconheceu Jesus naquele que, em um certo sentido, enxugava as suas lágrimas: “Perguntou-lhe Jesus: ‘Mulher, por que choras? Quem procuras?’. Supondo ela que fosse o jardineiro, respondeu: ‘Senhor, se tu o tiraste, dize-me onde o puseste e eu o irei buscar’. Disse-lhe Jesus: ‘Maria!’ Voltando-se ela, exclamou em hebraico: ‘Rabôni!’ – que quer dizer Mestre” (Jo 20,15-16).

Mas esta passagem das lágrimas à alegria pela manifestação do Ressuscitado é sinal de como se realiza em nós e através de nós a renovação de tudo que a Ressurreição de Cristo torna possível.

Na segunda-feira de Páscoa, tocou-me a leitura breve da Hora Nona, tirada da segunda carta a Timóteo: “Eis uma verdade absolutamente certa: Se morrermos com ele, com ele viveremos” (2Tm 2,11).

No original grego e na tradução latina – *“si commortui sumus, et convivemus”* –, esta frase é ainda mais concisa; e poderíamos traduzi-la assim: “se con-morremos, convivemos”.

O que isso quer dizer? Antes de tudo, que a nossa ressurreição e a renovação implicam a morte, uma passagem através da morte. Ao mesmo tempo entendemos que o essencial para viver esta passagem pascal é estar com Cristo, é a comunhão com Ele.

Isto quer dizer que para ressuscitar, para renovar as situações de morte nas quais nos encontramos, devemos, antes de tudo, começar por viver com Cristo a nossa morte, por viver com Cristo as nossas situações de morte. O caminho da renovação é atravessar com Cristo toda condição e situação de morte que a nossa condição humana de pecadores comporta. Antes da ressurreição, devemos acolher do Ressuscitado a graça de poder morrer com Ele, de viver com Ele a nossa morte.

Devemos reconhecer que, normalmente, em vez de acolher esta lógica pascal da renovação, nos contentamos em assegurar-nos uma sobrevivência, ou seja, queremos que Cristo nos renove sem nos ressuscitar da morte, sem passar através do morrer com Ele. Temos medo da morte porque não temos verdadeiramente fé que “se morrermos com ele, com ele viveremos”. Não confiamos que a companhia de Cristo baste para vencer a morte, baste para passar da morte à vida. O medo da morte nos trava na confiança em Cristo, no abandono a sua presença que nos salva. Vivemos todas as nossas situações de morte como crianças que, mesmo sendo tomadas pela mão pelo pai, não aceitam atravessar um cômodo escuro ou uma vereda acidentada para chegar à luz ou ao cume da montanha.

Mas Jesus, ressuscitando e manifestando-nos a sua presença e assegurando-nos que estará conosco todos os dias até o fim do mundo (cf. Mt 28,20), nos revelou, e oferece à nossa fé, não apenas passar através de momentos e situações difíceis, mas através de situações de morte, e através da própria morte. Cristo não é mais apenas um bom pastor confiável, como um guia de montanha que nos permite atravessar um vale escuro. Cristo nos permite atravessar, rumo à ressurreição, a própria morte e as situações em que tudo está perdido, tudo está destruído, tudo acabou. É este o significado do “morrer com Ele” que São Paulo nos anuncia como caminho da vida.

Mas o que quer dizer realmente morrer com Cristo? O que torna isso possível? É difícil imaginar e entender por qual morte devemos passar. A nossa morte é uma passagem por um vale escuro que não podemos descrever. Mas isso não é o importante: o importante não é entender a morte, mas permitir à presença de Cristo acompanhar-nos ao atravessá-la. Para morrer com Cristo, o importante não é escolher a morte: ela se apresenta por si só, faz parte da condição humana. O importante, em vez, é escolher estar com Cristo, escolher acolher a sua presença como a luz amiga que nos faz passar da morte à vida, qualquer morte que nos seja pedido enfrentar. Pode ser a doença ou a velhice, pode ser a fragilidade do pecado, pode ser o enfraquecimento das relações que nos sustentam, pode ser a perda do trabalho, da segurança, da paz. Pode ser a fragilidade da nossa comunidade, que nos pede muito mais do que nos dá. Pode ser a crise de uma época, como aquela que

atravessamos hoje. Pode ser a guerra ou a opressão impostas pelo “delírio de onipotência”, que Papa Leão XIV continua a denunciar. Não sabemos qual morte virá ao nosso encontro, por qual vale escuro a nossa vida, a nossa comunidade, o nosso povo, o mundo inteiro deverá passar.

Mas Cristo ressuscitou! E isto não quer dizer que tudo isso desaparece, pelo contrário! Quer dizer, em vez disso, que em tudo isso nos é dado morrer com Ele para viver com Ele. Tudo se transforma em uma renovação impossível, mas real, porque quem aceita morrer com Cristo faz a experiência de ressuscitar com Ele, de viver uma vida nova já agora, porque estamos com Ele, porque estamos unidos a Ele, seus amigos.

O segredo da renovação de tudo é, então, não perder, não recusar, não negligenciar a comunhão com Cristo em cada experiência da vida. Na provação, não deveríamos jamais preocupar-nos antes de mais em mudar a nossa vida e situação, mas em vivê-las com Ele.

A pergunta que deveríamos sempre fazer-nos em todo momento de crise em que a vida vem a faltar é, então, uma só: como permaneço com Cristo, como estou com Ele, como caminho com Ele através daquilo que me é pedido viver hoje, agora, a cada instante? Como viver com Ele a provação que estou ou estamos atravessando?

É precisamente nisto que a vida monástica é, por si mesma, um caminho de renovação e de ressurreição. Porque a vida monástica, desde as origens, é toda organizada para escolher e acolher a comunhão com Cristo em cada momento e situação do dia e em cada etapa da vida.

Quantas vezes, porém, a nossa reação aos momentos de crise e de morte que atravessamos, pessoalmente e comunitariamente, é procurar todo tipo de solução em vez de recorrer à comunhão com Cristo, à qual a nossa vocação é toda dedicada e para a qual nos oferece toda sorte de ajuda: a vida no mosteiro, a regra, a liturgia, os sacramentos, a Palavra de Deus, a comunidade fraterna, a autoridade que nos guia.

Os germes da renovação de que precisamos já estão contidos em tudo aquilo que a Igreja e o nosso carisma nos oferecem constantemente para acolher a presença de Cristo, até podermos morrer com Ele para viver agora e sempre com Ele.

A coisa nova que Jesus quer fazer em nós e entre nós é a sua amizade, que abraça toda a nossa vida até à morte e à ressurreição.